CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFTC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO – REDE UNIFTC SALVADOR-BA

BRENO COSTA DOS SANTOS
LUAN DE CASTRO ARGOLLO
TELMA PEREIRA DOS SANTOS

PERCEPÇÃO DE MÃES E PROFESSORES(AS) SOBRE A SEXUALIDADE DE JOVENS NEURODIVERGENTES

SALVADOR – BA
2025

BRENO COSTA DOS SANTOS
LUAN DE CASTRO ARGOLLO
TELMA PEREIRA DOS SANTOS

PERCEPÇÃO DE MÃES E PROFESSORES(AS) SOBRE A SEXUALIDADE DE JOVENS NEURODIVERGENTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia, do Centro Universitário UNIFTC, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Lucas Vezedek-Passarinho.

SALVADOR – BA

2025

AGRADECIMENTOS

Breno Costa

Grato a Deus pela benção de chegar até aqui, a minha família, aos meus pais Claudenice costa e Valmir Gomes, a minha querida avó Cleonice Ferreira pelo amor, oração e por acreditar em mim.

Aos meus amigos e aos síndicos que estão comigo nos melhores e piores momentos da vida. Ao irmão que me ensinou a ser mais forte, Rafael Ventura. A meus sobrinhos que são combustíveis na minha vida.

À minha referência profissional Junguiana Catarina Sales pelas contribuições na minha jornada profissional e pela credibilidade a mim depositada. São as pessoas e experiências vividas com elas que nos moldam e nos preparam para a vida.

A meu orientador Lucas Vezedek pela dedicação e presença. Me sinto grato a todos estes que dos mínimos aos máximos, estão ao meu lado.

Luan Argollo

Queria agradecer, a minha família que sempre me apoiou em todas as situações e aos meus amigos do coração que estiveram comigo em todos os momentos na produção desse projeto, especialmente: Eduardo Luiz, as meninas do Ivs, Ruan Ferreira e Andrey Silva.

Telma Pereira

Este Trabalho de Conclusão de Curso só foi possível graças ao apoio de diversas pessoas, às quais deixo aqui meu profundo agradecimento. Agradeço à Deus por me dar forças e coragem para seguir em frente a superar este desafio, pelo apoio paciência e compreensão dos colegas de TCC, Luan Argollo, Breno Costa dos Santos, especialmente nos momentos mais desafiadores.

Ao meu orientador professor Lucas Vezedek, pela orientação cuidadosa, pelas sugestões valiosas e pela confiança depositada ao grupo ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do curso, pela dedicação e conhecimento compartilhado, que contribuíram de forma significativa para minha formação.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este projeto se concretizasse.

PERCEPÇÃO DE MÃES E PROFESSORES(AS) SOBRE A SEXUALIDADE DE JOVENS NEURODIVERGENTES

Luan de Castro Argollo [1]
Breno Costa dos Santos[2]
Telma pereira dos Santos [3]
Lucas Vezedek-Passarinho[4]

RESUMO

Introdução: O presente estudo investigou as percepções de mães e professores(as) sobre a sexualidade de jovens neurodivergentes, considerando a influência dessas percepções no desenvolvimento da autonomia sexual, construção identitária e acesso a informações e experiências afetivo-sexuais. Partiu-se da premissa de que a negligência neste debate específico pode comprometer o desenvolvimento integral desses jovens, gerando prejuízos em suas relações interpessoais. A pesquisa buscou promover o diálogo sobre a importância de uma educação sexual inclusiva. **Objetivo:** Compreender as percepções de mães e professores(as) sobre a sexualidade de jovens neurodivergentes, os desafios enfrentados ao lidar com essa temática e como essas concepções impactam o desenvolvimento afetivo-sexual e o bem-estar dos jovens. **Metodologia:** Adotou-se uma abordagem qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com oito participantes, divididos em dois grupos: quatro mães (Grupo 1) e quatro professores do ensino fundamental e médio (Grupo 2). Os dados coletados foram submetidos à Análise Temática (Braun; Clarke, 2006, 2013), para uma observação aprofundada das experiências e percepções individuais. **Resultados:** A análise permitiu a identificação dos seguintes temas: Tema 1) sexualidade; Tema 2) implicações dos estigmas no contexto escolar e familiar, com dois subtemas "desafios acarretados pelos estigmas" e "estratégias utilizadas para desconstrução de preconceitos"; Tema 3) capacitação de pais e professores de jovens neurodivergentes; Tema 4) microssistemas de desenvolvimento, com os subtemas "espaço de diálogo família e escola" e "participação e engajamento"; e, Tema 5) Projetos de vida e aspirações de futuro.Os resultados indicaram que concepções limitadas ou marcadas pelo estigma podem restringir as oportunidades de desenvolvimento autônomo dos jovens neurodivergentes. **Considerações Finais:** As percepções de mães e professores exercem um papel fundamental e, por vezes, limitante, no desenvolvimento afetivo-sexual de jovens neurodivergentes, reforçando a necessidade urgente de estratégias de educação sexual inclusiva. O estudo contribui para a Psicologia e áreas afins ao destacar a relevância do manejo adequado por parte da família e da escola, apontando para a necessidade de capacitação específica para esses agentes. Como principais limitações, destacam-se o tamanho reduzido e a composição da amostra, que não permitem generalizações amplas. Recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o número de participantes e incluam a perspectiva dos próprios jovens neurodivergentes.

Palavras-chave: Sexualidade. Mães. Professores. Deficiência Intelectual. Neurodivergência.

[1] Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário UniFTC Salvador/BA, e-mail: luancastropsi@gmail.com
[2] Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário UniFTC Salvador/BA, e-mail: costabreno829@gmail.com
[3] Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário UniFTC Salvador/BA, e-mail: telmakatsud022@hotmail.com
[4] Professor Orientador do curso de Psicologia, Centro Universitário UniFTC Salvador/BA, psicólogo, mestre e doutorando em Psicologia (UFBA), e-mail: vezedek.oliveira@prof.uniftc.edu.br | psi.lucasvpassarinho@gmail.com

PERCEPTIONS OF MOTHERS AND TEACHERS ABOUT THE SEXUALITY OF NEURODIVERSE YOUNG PEOPLE

ABSTRACT

Introduction: This study investigated the perceptions of mothers and teachers about the sexuality of neurodivergent youth, considering the influence of these perceptions on the development of sexual autonomy, identity construction, and access to affective-sexual information and experiences. It was based on the premise that neglecting this specific debate can compromise the integral development of these young people, causing damage to their interpersonal relationships. The research sought to promote dialogue on the importance of inclusive sex education. **Objective:** To understand the perceptions of mothers and teachers about the sexuality of neurodivergent youth, the challenges faced in dealing with this issue, and how these conceptions impact the affective-sexual development and well-being of young people. **Methodology:** A qualitative approach was adopted. Semi-structured interviews were conducted with eight participants, divided into two groups: four mothers (Group 1) and four elementary and high school teachers (Group 2). The data collected were submitted to Thematic Analysis (Braun; Clarke, 2006, 2013) for an in-depth observation of individual experiences and perceptions. **Results:** The analysis allowed the identification of the following themes: Theme 1) sexuality; Theme 2) implications of stigma in the school and family context, with two subthemes: "challenges caused by stigma" and "strategies used to deconstruct prejudice"; Theme 3) training for parents and teachers of neurodivergent youth; Theme 4) developmental microsystems, with the subthemes "space for dialogue between family and school" and "participation and engagement"; and Theme 5) life projects and aspirations for the future. The results indicated that limited or stigmatized conceptions can restrict opportunities for the autonomous development of neurodivergent youth. **Final Considerations:** The perceptions of mothers and teachers play a fundamental and sometimes limiting role in the affective-sexual development of neurodivergent youth, reinforcing the urgent need for inclusive sex education strategies. The study contributes to psychology and related fields by highlighting the importance of appropriate management by families and schools, pointing to the need for specific training for these agents. The main limitations are the small size and composition of the sample, which do not allow for broad generalizations. It is recommended that future research expand the number of participants and include the perspective of neurodivergent youth themselves.

Keywords: Sexuality. Mothers. Teachers. Intellectual Disability. Neurodivergence

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade, embora muitas vezes seja reduzida ao ato sexual, é um conceito amplo que abrange comportamentos, pensamentos, fantasias, formas de identificação, orientações sexuais e autoimagem. Todos esses elementos influenciam na autonomia e no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo.

> Uma das maneiras de definir a sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define sexualidade como "uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influência também a nossa saúde física e mental" (Camargo; Neto, 2017, p. 1)

Falar de sexualidade é complexo e carrega múltiplos desafios consigo, e quando se trata de grupos que exige uma comunicação assertiva ainda mais específica a este, como jovens neurodivergentes, é necessário o apoio dos contextos que o cercam, como a família e escola. De acordo a Bretas, et al (2009) a adolescência é entendida como o estágio de desenvolvimento que pode ser caracterizada entre a transição da infância para idade adulta. Com intenso crescimento e desenvolvimento manifestados pelas transformações biopsicossociais e fisiológicas, esta etapa está diretamente atrelada a busca pela identidade, e através das primeiras relações afetivas com suas mães em ajuste a sua realidade. Nesse sentido, a "identidade sexual é um dos elementos fundamentais da identidade geral, que é delineada desde os primeiros momentos da vida e definida na adolescência, compreendendo a interação com os pais, fatores morais, culturais, sociais, religiosos, entre outros" (Costa et al, 2001, p. 2).

É possível destacar que existe crenças que esses grupos são assexuais (orientação sexual caracterizada pela falta de atração sexual por outras pessoas, independentemente do seu gênero). e/ou incapazes de compreender e vivenciar sua sexualidade de forma saudável. Essas concepções limitantes podem levar à negligência da educação sexual, superproteção ou até mesmo repressão da autonomia. Compreender e desconstruir esses estigmas é essencial para garantir um desenvolvimento saudável, respeitoso e informado da sexualidade, promovendo um ambiente familiar e escolar mais acolhedor. Afinal, neurodivergentes são indivíduos cujos padrões neurológicos diferem da norma considerada típica, incluindo pessoas com Transtorno

do Espectro Autista (TEA), em concordância com Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM-V, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é entendido por déficits na interação social, comunicação, padrões de comportamentos restritivos e repetitivos que variam de acordo a intensidade. Já o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) pode ser definido em três tipos: predominantemente desatento; hiperativo e/ou impulsivo. Cada tipo pode ser determinado com a presença de sintomas de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade.

Costa (2010) define família como um sistema vivo e aberto, em constante mudança organizado em subtemas menores e inseridos em subtemas maiores. Compreender como as mães percebem e lidam com a sexualidade de jovens neurodivergentes é essencial para identificar barreiras e promover estratégias de apoio que favoreçam um ambiente mais inclusivo e acolhedor. No entanto, jovens neurodivergentes frequentemente enfrentam estigmas relacionados à sua sexualidade.

Em sua pesquisa sobre *As práticas da psicologia no ambiente escolar*, Lima (2007) define o ambiente educacional como um forte formador do processo individual, social e singular na constituição do sujeito como ser humano. Através do artigo, o ambiente escolar é um espaço de aprendizado e trabalho (Lima, 2007 *apud* Eckert et al. 2001), outros autores conceituam a escola como lugar de criação e invenção. Podendo assim, ser caracterizado pelo lugar de aprender e desenvolver aspectos da autonomia individual.

2 METODOLOGIA

2.1 Objetivos e delineamento da pesquisa

Este estudo tem como objetivo geral compreender a percepção de mães e professores sobre a sexualidade de jovens neurodivergentes, analisando como estas diversas perspectivas interfere direta e indiretamente no desenvolvimento da autonomia e na construção da identidade do jovem neuroatípico, observando como o acesso à educação sexual adequada pode ser um agente transformador no desenvolvimento saudável do indivíduo. Além disso, os objetivos específicos incluíram: 1) investigar os desafios enfrentados por mães e professores no apoio ao desenvolvimento sexual e afetivo de jovens neurodivergentes; e, 2) analisar as barreiras percebidas por mães e professores na educação sexual de jovens neurodivergentes, as

consequências desta falta de informação e como essas dificuldades podem impactar no bem-estar emocional e social dos indivíduos.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória-descritiva e com recorte transversal, através de entrevistas semiestruturadas com mães e professores de jovens neurodivergentes. O método qualitativo permitiu um entendimento detalhado das vivências pessoais dos participantes, alinhando-se aos objetivos do estudo de compreender como as percepções de mães e professores influenciam o desenvolvimento da autonomia, a construção da identidade e o acesso a informações e experiências sexuais e afetivas de maneira saudável.

2.2 Participantes

Participaram do estudo um total de oito pessoas. Trata-se de quatro mães (Grupo 1), nomeadas de P1, P4, P6 e P8 e quatro professores(as) do ensino fundamental e médio (Grupo 2), nomeados de P2, P3, P5 e P7.

O grupo 1 **(Tabela 1)** tem idade entre 35 e 51 anos, com média de 44,7 anos (Desvio Padrão: 6,9 anos). O grupo em sua totalidade é composto por mães de jovens neurodivergentes. Identificaram-se como Mulheres Cisgênero Heterossexuais, sendo duas brancas e duas pardas. Duas se declararam católicas, uma cristã e uma ecumênica. Duas informaram ter Ensino médio completo e Duas ensino Superior completo. Apenas uma delas trabalha formalmente, sendo as outras mães autodeclaradas desempregadas. Sobre o estado civil, duas são casadas e duas solteiras. Em unanimidade, todas moram com seus filhos, sendo que duas informaram morar também com seus maridos e uma com sua mãe.

Tabela 1

Características dos participantes do estudo – Grupo 1 Mães

Particip.	Idade (anos)	Id. Gênero	Cor/Raça/ Etnia	Orientação Sexual	Relig.	Esc.	Sit. Ocup.	Est. Civil	C/ quem mora atual.
P1	48	M. Cis	Branca	Hetero	Catól	MC	DES	CAS	Mar e Fil
P4	51	M. Cis	Parda	Hétero	Ecum	SC	DES	Solt	Mãe e filh
P6	35	M. Cis	Parda	Hetero	Cristã	MC	DES	Solt	Filhos
P8	45	M. Cis	Branca	Hetero	Catól	SC	Médica	CAS	Mãe e 2 fil

Nota: Id. Gênero=Identidade de Gênero; O. Sexual= Orientação Sexual; Sit. Ocup=Situação Ocupacional; Est. Civil=Estado civil; M.Cis=Mulher Cisgênero; Hetero=Heterossexual; Relig.=Religião;M=Marido; Des= Desempregada; Cas= Casado(a); Filh= Filho(a); Catól= Católico; Encum= Ecumênica; Solt= Solteiro; Esc.=Escolaridade; MC=médio completo; SC=Superior Completo.

Já o grupo 2 **(Tabela 2)** tem idade entre 25 e 50 anos, com média de 37,2 anos (Desvio Padrão: 10,3 anos). Desse grupo participaram três mulheres e um homem. Três participantes se denominam como heterossexuais enquanto um dos participantes se identifica como bissexual. Em relação ao estado civil, três estão solteiros e um participante está casado. Sobre a religião

temos um participante do candomblé, um participante umbandista um participante espiritualista e um católico. Dois tem mestrado completo e dois tem ensino superior completo, três deles são professores e um é professor autônomo. Diante da temática raça, os participantes se identificaram como um preto, um pardo e dois brancos. Em relação a moradia, um participante mora sozinho um participante mora com a filha, um mora com esposo e filha e outra com o companheiro.

Tabela 2

Características dos participantes do estudo – Grupo 2 Professores(as) do ensino fundamental e médio

Particip.	Idade (anos)	Id. Gênero	Cor/Raça/ Etnia	Orientação Sexual	Relig.	Esc.	Sit. Ocup.	Est. Civil	C/ quem mora atual.
P2	50	M. Cis	Parda	Hetero	Esp.	Mes	Autônoma	Cas	Mar e Filh
P3	35	M. Cis	Branca	Bi	Cand.	Mes	Prof	Solt	Filha
P5	39	H. Cis	Preta	Hétero	Catól	SC	Prof	Divor	Só
P7	25	M. Cis	Branca	Hetero	Umb.	SC	Prof	Solt	Marido

Nota: H.cis= Homem Cisgênero; Id. Gênero=Identidade de Gênero; O. Sexual= Orientação Sexual; Sit. Ocup=Situação Ocupacional; Est. Civil=Estado civil; M.Cis=Mulher Cisgênero; Hetero=Heterossexual; Bi=Bissexual; Relig.=Religião; Esp.=Espírita; Cand.=Candomblé; Esc.=Escolaridade; Mar=Marido; Solt= Solteiro; Umb.= umbandista.

2.3 Procedimentos de Construção de Análise dos Dados

A construção dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir de um roteiro previamente desenvolvido pela equipe de pesquisa. O instrumento foi organizado em três eixos temáticos centrais: 1) compreensão de sexualidade; 2) experiências e desafios no contexto familiar ou escolar; e, 3) percepções sobre autonomia, afetividade e desenvolvimento sexual de jovens neurodivergentes. O roteiro continha perguntas abertas, permitindo que os participantes narrassem suas vivências e percepções de forma espontânea, favorecendo a profundidade das respostas.

A coleta de dados aconteceu entre os meses de setembro e outubro de 2025, de forma individual, realizada tanto presencialmente quanto online, conforme disponibilidade de cada participante. As entrevistas presenciais ocorreram em ambientes privados ou locais de trabalho dos participantes, enquanto as entrevistas online foram conduzidas por videochamada. Todas foram gravadas em áudio, mediante autorização prévia, com o objetivo de garantir fidelidade no processo de transcrição. Os participantes foram convidados por meio de indicações em rede e contatos previamente estabelecidos com escolas da rede privada e grupos informais de mães de jovens neurodivergentes. A divulgação ocorreu diretamente com professores e mães já vinculados a esses espaços, sem ampla divulgação pública, considerando o caráter específico do público-alvo.

Após a coleta, as entrevistas foram transcritas na íntegra e submetidas á Análise Temática proposta por Braun & Clarke (2006, 2013). Esse processo envolveu seis etapas: familiarização com os dados, codificação inicial, busca por temas, revisão dos temas, definição e nomeação, e elaboração do relatório analítico. A análise enfatizou a identificação de padrões de sentido nas narrativas, articulando tanto aspectos recorrentes quanto particularidades das experiências individuais.

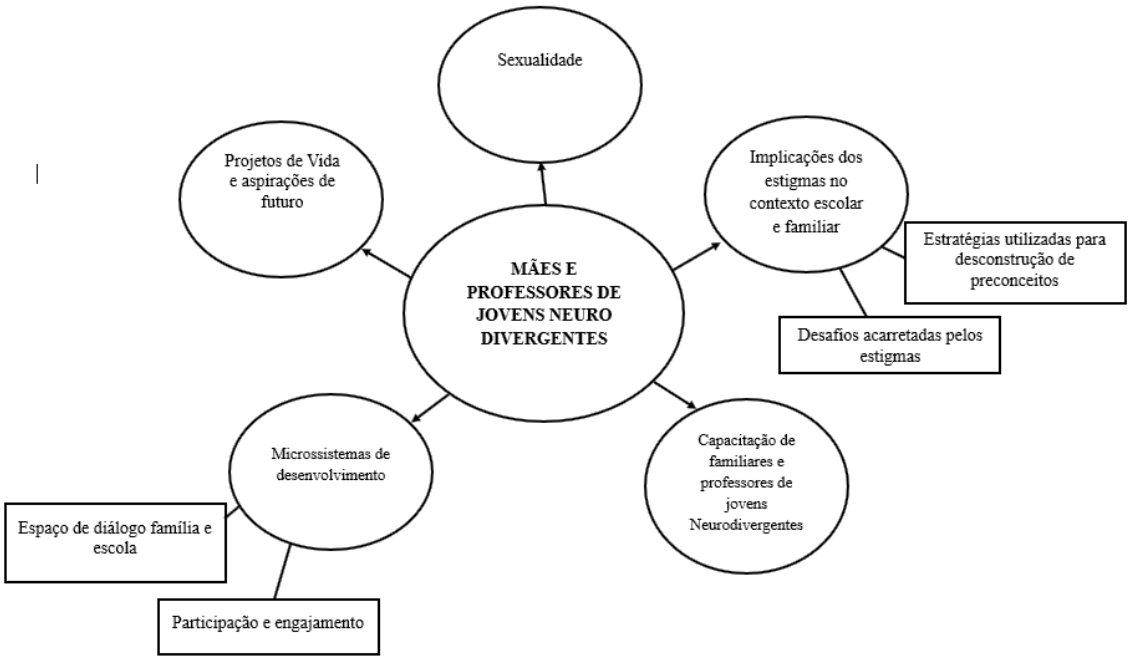
O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia - IMES (UNIFTC) no dia 14/06/2025, sob Parecer nº 7.641.225 e CAAE nº 87675425.3.0000.5032. A pesquisa seguiu todas as diretrizes éticas para pesquisa envolvendo seres humanos, incluindo a Resolução CNS nº 466/2012 que trata da Ética em Pesquisa com Seres Humanos e a Resolução CNS nº 510/2016 que especifica a Ética na Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, ambas do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos do estudo, riscos e benefícios, garantindo-se voluntariedade, anonimato e liberdade de desistência, formalizados pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir das entrevistas com professores(as), foram analisados por meio da técnica de Análise Temática (AT) (Braun; Clarke, 2006, 2013), que possibilitou visualizar os dados de forma ampla, gerando um mapa temático (**Figura 1**) com cinco temas e quatro subtemas, sendo esses: ***Tema 1)*** *sexualidade*; ***Tema 2)*** *implicações dos estigmas no contexto escolar e familiar*, com dois subtemas “desafios acarretados pelos estigmas” e “estratégias utilizadas para desconstrução de preconceitos”; ***Tema 3)*** *capacitação de pais e professores de jovens neurodivergentes*; **Tema 4)** microssistemas de desenvolvimento, com os subtemas “espaço de diálogo família e escola” e “participação e engajamento”; e, ***Tema 5)*** *Projetos de vida e aspirações de futuro*. Os temas e subtemas são descritos e analisados logo após a figura 1.

Figura 1

Mapa temático da pesquisa sobre percepção de mães e professores(as) sobre a sexualidade de jovens neurodivergentes



3.1 Tema 1) Sexualidade

A análise revelou que as identidades sociais especialmente gênero e papel materno atravessam de maneira profunda as experiências de cuidado. As mães entrevistadas relatam sentir sobrecarga emocional e social no acompanhamento dos filhos neuro divergentes, destacando que as expectativas sociais sobre feminilidade, maternidade e desempenho cuidador se ampliam no contexto da neuro divergência.

> A adolescência é uma fase de transição no desenvolvimento humano, ocorrendo entre a infância e a vida adulta. Durante esse período os indivíduos começam a interagir de maneira mais complexa com seus pares e a formar sua identidade social, um processo que envolve não apenas a adaptação ao corpo em transformação, mas também a construção da autoestima e de relacionamentos interpessoais (Papalia, 2014 apud Souza, 2025. p.2).

Os resultados da pesquisa indicam que muitas mães ainda percebem a sexualidade dos seus filhos como um aspecto secundário ou inadequado da vida desses indivíduos. Essa percepção está em consonância com Silva (2021), que identificou discursos familiares que tendem a minimizar ou patologizar a sexualidade de jovens autistas, frequentemente os

retratando como infantilizados ou incapazes de experienciar desejos e relações afetivas e apresenta.

> *Apoio a escola abordar a temática da sexualidade, mas apenas com planejamento e diálogo prévio entre a equipe. O tema pode ser abordado assim como o "setembro amarelo'' com continuidade e ações práticas.* (P3-GRUPO 2)

3.2 Tema 2) Implicações dos estigmas no contexto escolar e familiar e subtemas "desafios acarretados pelos estigmas" e "estratégias utilizadas para desconstrução de preconceitos"

Os estigmas relacionados à sexualidade de jovens neurodivergentes surgem como elementos que influenciam diretamente suas experiências escolares, familiares e sociais. Os relatos evidenciam que preconceitos e crenças distorcidas sobre maturidade, capacidade de consentimento e expressões corporais tendem a gerar medo, silenciamento e restrição de autonomia.

As entrevistadas também relataram estratégias utilizadas para minimizar preconceitos, como conversas orientadas, observação de comportamentos, incentivo ao diálogo e tentativa de adaptação de materiais educativos. Ainda assim, os desafios acarretados pelos estigmas permanecem significativos, principalmente pela indisponibilidade de ambientes seguros de expressão e pela ausência de políticas de proteção específicas. A literatura reafirma que estigmas sociais ampliam o sofrimento emocional de adolescentes diversos em termos de sexualidade e contribuem para ciclos de violência, exclusão e vulnerabilidade (Silva et al., 2021).

3.2.1 Desafios acarretados pelos estigmas

Diante dos desafios a respeito da sexualidade no grupo 1 destacam-se as respostas relacionadas a masturbação e a linguagem:

> *''O principal é a masturbação. Isso já foi motivo de muito constrangimento em casa, tanto para ele quanto para mim. Por conta do problema auditivo, ele não percebe o barulho que faz, e às vezes me deixa desconfortável. É algo que mexe muito com a gente, mas tento lidar conversando e explicando.''* (P1-GRUPO 1).

> *"Um dos desafios é a linguagem. Comprei livros com figuras e explicações, mas percebi que eram voltadas para adultos, com uma linguagem difícil. Precisa ter sensibilidade para adaptar e explicar de forma que ele entenda."* (P4- GRUPO 1).

A respeito das barreiras enfrentadas no acesso à educação sexual adequada o grupo relatou que a discriminação é a principal dificuldade, bem como a falta de manejo por parte dos profissionais da educação.

> *"A discriminação...as pessoas tratam os deficientes como se fosse diferente dos demais, como se não soubessem de nada ou como se fossem um perigo. Já me perguntaram, por exemplo, se eu fico nua na frente do meu filho, respondi: sim porque ele é meu filho. Se estiver tomando banho e ele entrar para falar comigo, é como se nada tivesse acontecido ele não me vê como mulher, ver como mãe. E eu também não vejo de outra forma. Mas as pessoas têm preconceito acham, que o deficiente vai atacar quando na verdade ele nem entende dessa forma"* (P1- GRUPO 1).

> *"Conheço mães de adolescentes com esquizofrenia síndrome de down e outras deficiências e os professores não sabem como agir acho que deveria haver uma capacitação dos professores e presença de psicólogos nas escolas."* (P6- GRUPO 1).

3.2.2 Estratégias utilizadas para desconstrução de preconceitos

Entendendo que a participação coletiva em espaços de lutas que combatam estigmas e preconceitos sob a luz da sexualidade dos jovens neuroatípicos é fundamental, Foucault (2002) traz o conceito da genealogia da anormalidade, onde ele dimensiona historicamente um fenômeno para mostrar que ele não existe, que é apenas uma criação, uma construção social. Para ele não existe pessoas anormais, a não ser que a partir de algum momento, alguém as classifique dessa forma, após o estabelecimento do que é normal e quais são seus parâmetros e limites. E assim quem está fora dessas regras é visto dentro da anormalidade. (Foucault, 2002 apud Pereira, 2024, p.5)

A partir da análise, a participante 3 (GRUPO 2) considera a educação sexual um pilar essencial da formação integral dos jovens, especialmente dos neurodivergentes, que necessitam de orientações claras e adequadas ao seu nível de compreensão. Ela defende que a escola deve trabalhar em parceria com as famílias, oferecendo informação, acolhimento e espaços de diálogo. Conclui-se que o enfrentamento do preconceito, a capacitação dos educadores e a conscientização familiar são condições fundamentais para uma educação sexual inclusiva, segura e transformadora.

3.3 Tema 3) Capacitação de familiares e professores de jovens neurodivergentes

Neste tema são destacadas as necessidades de capacitação adequada que emerge como um dos pontos mais recorrentes nos discursos, tanto pais quanto professores relatam falta de manejo, inseguranças e dificuldades práticas ao lidar com situações relacionadas à sexualidade

dos jovens. Alguns docentes salientam que, embora reconheçam a importância do tema, não se sentem preparados ou compreendem que essa demanda extrapola sua formação inicial e sua carga de trabalho, já sobrecarregada por exigências pedagógicas e burocráticas. Essa percepção evidencia uma lacuna estrutural no sistema educacional, que não oferece formação continuada suficiente para trabalhar sexualidade de forma inclusiva. A literatura aponta esse problema como um dos principais obstáculos para a efetivação da educação sexual escolar, reforçando que a formação profissional é indispensável para o enfrentamento de vulnerabilidades sociais (Glat & Pletsch, 2011; Mantoan, 2015).

3.4 Tema 4) Microssistemas de desenvolvimento e subtemas "espaço de diálogo família e escola" e "participação e engajamento"

São os contextos em que os participantes estão inseridos e se desenvolvem. Nesta pesquisa serão delimitados dois ambientes, o escolar e o familiar. A respeito do ambiente, segundo a teoria bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979/1996; 2011; Bronfenbrenner; Morris, 1998) as vivências de influências contínuas podem ser compreendidas como o resultado das interações experenciadas ao longo da vida e como estas contribuem para o desenvolvimento do indivíduo.

3.4.1 Espaço de diálogo família e escola

Aqui destaca-se os créditos depositados pelas famílias quanto aos preparos e manejos ao tratar de sexualidade na atuação dos professores no ambiente pedagógico e apontam a importância do preparo das escolas no que diz respeito a lidar com jovens neurodivergentes nesses aspectos. Questionada sobre o papel da escola nesse processo, a participante 6 do grupo 1 afirmou:

> *"Os professores precisam ser mais capacitados. Falta preparo e suporte psicológico para lidar com essas questões e não só para os alunos com deficiência – As pessoas também precisam ser preparadas para conviver com a diversidade..."* (P6- GRUPO1)

> *"Seria bom ter palestras nas escolas, pelo menos uma vez por ano, falando sobre sexualidade e inclusão. Por que a sexualidade diz respeito a todos, não apenas aos atípicos"* (P6- GRUPO 1)

Para o P5(Grupo 2) os ensinamentos quanto ao tema dentro de casa são os primordiais e indispensáveis, sendo a escola apenas um complemento. Ele destaca a importância de não responsabilizar somente os professores, mas também os familiares desses jovens, que por muitas vezes, negligência a sexualidade e educação sexual adequada e acessível para estes,

acarretando prejuízos à autonomia. Quando questionado sobre como entende o papel da escola na educação sexual de jovens neurodivergentes, ele respondeu:

> *"Eu acho que a escola, ela, em todos os aspectos, ela tem que ser complementar. Ela não tem que ser a pioneira, não tem que ser a base, a solidez. Ela tem que complementar o trabalho feito em casa. Porque, na escola, a gente educa, e esse verbo educar é muito confundido com criar... '' (P5- GRUPO 2)*

> *"Educação sexual é sinônimo de proteção, um meio de resguardar os estudantes. Adaptar a linguagem e as ações de acordo com a idade e o nível de compreensão dos alunos neurodivergentes...'' (P3-GRUPO 2)*

3.4.2 Participação e engajamento

O aspecto de participação e engajamento refere-se em com os microssistemas (Contexto familiar e escolar) impactam na temática do estudo. A partir disso, foi possível observar que no grupo 1 através do questionamento a respeito do papel da família foi possível identificar que através da unanimidade todos relataram que o papel da educação sexual cabe a família e escola. Enquanto a sexualidade as mães relataram que é um tema muito importante para todas as pessoas e os neurodivergentes ainda mais, porque traz mais liberdade na comunicação na relação mãe-filho e deve contribuir para o desenvolvimento da autonomia.

> *"...Eu acredito que isso contribui sim para autonomia, porque ajuda ele a se desenvolver como ser humano, mesmo sendo muito dependente de mim ainda..."* (P1- GRUPO 1)

3.5 Tema 5) Projetos de vida e aspirações de futuro

O projeto de vida abrange o entendimento de diversas dimensões da vida. Comin (2012), a partir da teoria de Seligman (1997) entende que ter um projeto de vida é essencial para o desenvolvimento do bem-estar, estando atrelado aos bons relacionamentos interpessoais e autorrealização. A análise deste tema mostrou que as aspirações futuras do Grupo 1 estão atreladas a inseguranças no bem-estar dos seus filhos. Quando questionada a respeito das percepções de diferenças entre como a forma de família neurodivergentes e neuro típicos lidam aspirações pessoais.

> *"Sim. No meu caso, meu filho vai fazer 13 anos e eu não deixo sair tanto quanto os outros pais deixam. Tenho receio. Penso: e se ele conhecer uma menina como vai ser? Ele vai estar preparado? Os meninos neurotípicos se desenvolvem mais cedo, mas e o meu filho ele vai entender? ou as outras pessoas vão entender as atitudes dele? por isso eu busco sempre conversar com ele."* (P6- GRUPO 1)

No contexto escolar, os dados revelam que muitos professores demonstram insegurança e falta de preparo para abordar temas relacionados à sexualidade de alunos neurodivergentes. Quirino (2012) aponta que grande parte dos docentes do Ensino Fundamental e Médio possui formação limitada em educação sexual, o que pode resultar em resistência ou abordagem inadequada do tema. Entretanto, Ferreira (2025) observa que, em instituições que promovem programas de formação continuada voltados à neurodiversidade, os professores apresentam maior sensibilidade e disposição para tratar da sexualidade desses estudantes, mostrando que a capacitação docente é determinante para a criação de um ambiente inclusivo.

Os achados reforçam a urgência de políticas educativas que integrem a neurodiversidade à educação sexual, promovendo tanto a autonomia quanto o respeito à diversidade. Nascimento (2023) destaca que a inclusão de jovens neurodivergentes em discussões sobre sexualidade deve equilibrar proteção e autonomia, oferecendo informações claras, acessíveis e adequadas às suas capacidades cognitivas. A implementação de políticas e programas contribui para reduzir a exclusão e a marginalização dessa população, favorecendo o desenvolvimento integral e o bem-estar emocional dos jovens.

Por fim, é importante considerar que as divergências entre os estudos podem estar relacionadas a diferentes métodos de coleta de dados. Pesquisas que entrevistam apenas familiares podem refletir preconceitos internalizados, enquanto aquelas que incorporam a voz dos próprios jovens proporcionam perspectivas mais autênticas e empoderadoras. Adicionalmente, o contexto cultural e regional exerce influência significativa nas percepções sobre sexualidade e neurodiversidade, sendo fundamental que abordagens educativas e políticas públicas sejam adaptadas às especificidades locais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo entender a percepção de mães e professores sobre a sexualidade de jovens neurodivergentes, visando inclusão, acolhimento, e reinvindicação dos direitos desses jovens, com base na análise de dados obtidos, foi possível observar que os que as mães e profissionais da educação reconhecem a relevância de discutir a sexualidade de jovens neurodivergentes como parte fundamental do seu desenvolvimento e autonomia. No entanto, assim como evidenciado por outras pesquisas na área e nessa pesquisa, ainda há um distanciamento significativo entre esse reconhecimento e de fato práticas efetivas que garantam um acompanhamento seguro, acessível e livre de estigmas.

Os dados revelaram que a infantilização, o silenciamento familiar e a falta de preparo institucional constituem barreiras centrais para que esses jovens exerçam plenamente sua independência e seus direitos sexuais. Tanto mães quanto professores relataram enfrentar dificuldades na abordagem do tema, seja pela escassez de materiais acessíveis, pela insegurança em lidar com comportamentos sexuais, ou pela ausência de apoio técnico por parte das instituições escolares. Assim como indicam Braun & Clarke (2006) e autores da literatura inclusiva, a falta de formação continuada e de espaços de diálogo impacta diretamente a forma como a sexualidade desses jovens e compreendida e trabalhada.

Apesar dos desafios, as falas apresentaram também um ponto de convergência importante. A percepção de que a educação sexual é uma forma de proteção, especialmente para jovens que devido aos estigmas sociais, podem estar mais vulneráveis a situações de violência, abuso ou desinformação. Tanto mães, quanto educadores(as) destacam que o acesso á informação adequada, acessível e contínua é essencial para o fortalecimento da autonomia e da autoestima desses jovens. Outro aspecto fundamental identificado foi a necessidade de aproximação entre escola e família. Assim como apontam pesquisas sobre inclusão, nenhum dos dois contextos consegue, sozinhos, promover práticas consistentes de educação sexual inclusiva. As entrevistadas ressaltaram que o diálogo, a conversa, a troca de experiências e o reconhecimento do papel das famílias no cuidado cotidiano podem ampliar significativamente as possibilidades de intervenções e apoio dos jovens.

Diante disso, conclui-se que promover a sexualidade de maneira inclusiva para jovens neurodivergentes demanda investimento em políticas públicas de formação docente de núcleos de apoio especializados, atualização de materiais pedagógicos, ampliação de espaços de acolhimento para famílias e jovens com construção de práticas que valorizem a diversidade funcional social e cultural desses sujeitos. O fortalecimento das redes de apoio, somado á escuta sensível de pais, mães e profissionais, é um caminho essencial para romper estigmas e consolidar práticas educativas mais humanizadas.

Por fim, este estudo reforça a importância de ouvir aqueles que convivem diariamente com esses jovens e os próprios jovens, sejam eles mães e/ou educadores. Suas percepções revelam os desafios, avanços e necessidades ainda pouco visibilizadas quando se trata da sexualidade na neurodivergência. Espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para reflexões futuras e para o desenvolvimento de ações intersetoriais capazes de garantir uma educação sexual verdadeiramente inclusiva, ética e respeitosa, que reconheça a singularidade de cada jovem e promova sua autonomia de forma integral.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lívia. Sexualidade e neurodiversidade: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora XYZ, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5. ed.). Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERGER, K. S. Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência. Cengage Learning, 2019.

BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, 2013. Acesso em: 14/03/2025.

BRONFENBRENNER, Urie. The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative research in psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Successful qualitative research: A practical guide for beginners. 2013.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; OHARA, Conceição Vieira da Silva; JARDIM, Dulcilene Pereira; JUNIOR, Wagner de Aguiar; OLIVEIRA, José Rodrigo de. Aspectos da sexualidade na adolescência. Ciência & Saúde Coletiva, 16(7):3221-3228, 2009.

COLLINS, Patricia Hill. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. 2. ed. New York: Routledge, 2000.

COSTA, Liana. A perspectiva sistêmica para a Clínica da Família. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991.
COMIN, Fabio. Por uma Nova Compreensão do Conceito de Bem-estar: Martin Seligman e a Psicologia Positiva Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba-MG, Brasil, 2012.

DINIZ, Débora. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERREIRA, Giselle. As políticas de formação continuada de professores na construção do trabalho docente com os alunos com deficiência no contexto da Educação Especial na perspectiva inclusiva. Rio de Janeiro, 2015.

GLAT, Rosana; PLETSCH, Márcia Denise (org.). Educação inclusiva: cultura, políticas e práticas. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

GAMA DA CRUZ, Pâmela. Neurodiversidade (en)cena: gênero e sexualidade na série atypical. UNICAMP. 2022.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E. R. Sexualidade e desenvolvimento humano: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

JANUÁRIO, & TAFURE. Era uma vez Chapeuzinho Amarelo: saúde de crianças de um Centro de Atenção Psicossocial à Infância. Brasil, 2015.

LIMA, Maria. Pesquisando As Práticas Da Psicologia No Ambiente Escolar. Barbarói. Santa Cruz do Sul, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

NASCIMENTO, Clarice; VARGAS, Juliana; BEZERRA, Kay. Gênero E Sexualidade De Jovens Com Tea: Uma Breve Análise A Partir Do Podcast Introvertendo. Salvador, 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Nova York: ONU, 2006.

PESSOA, A. S. G., HARPER, E., SANTOS, I. S., & GRACINO, M. C. S. (2019). Using Reflexive Interviewing to foster deep understanding of research participants' perspectives. International Journal of Qualitative Methods, 18, 1-9.

PEREIRA, Kariane & CHAHINI, Thelma. Reflexões Sobre A Sexualidade E A Invisibilidade Do Corpo Dissidente De Pessoas Com Deficiência. Brasil, 2024.

QUIRINO, Glauberto. Sexualidade e educação sexual: Prática docente em uma escola pública em juazeiro no norte- CE. Santa Maria, RS, Brasil, 2012.

RIOS C, ORTEGA F, ZORZANELLI R & NASCIMENTO LF. Da (invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira, Brasil, 2015).
SHAKESPEARE, Tom. Disability: The Basics. London: Routledge, 2018.

SAMPAIO. Sexualidade e Gênero. Faculdade de Ciências Médicas em Sorocaba, São Paulo, 2017.

SILVA, J. C. P. D.; CARDOSO, R. R.; CARDOSO, Â. M. R.; GONÇALVES, R. S. Sexual diversity: a perspective on the impact of stigma and discrimination on adolescence. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 7, p. 2643–2652, 2021.

UNTOIGLICH. As oportunidades clínicas com crianças com sinais de autismo e seus pais. São Paulo. 2013.

UNESCO. A comprehensive sexuality education: Policy Review and Recommendations. Paris: UNESCO, 2020.

VILLELA, Wilza Vieira; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In: BERQUÓ, Elza (org.). Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 95–150.

WHO – World Health Organization. International Technical Guidance on Sexuality Education. Geneva: WHO/UNESCO, 2018.